

Ponte de Espindo (Meinedo, Lousada) - Sondagens de avaliação arqueológica

Paulo Lemos* e Manuel Nunes**

Palavras-chave

Pontes; rio Sousa; Sondagens; Nora

Keywords

Bridges; Sousa River; Survey; Water Wheel

Resumo

Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos na margem esquerda do rio Sousa, junto à Ponte de Espindo (Meinedo, Lousada), com o intuito de mitigar os eventuais impactos negativos resultantes da empreitada de execução do Interceptor do Sousa e Boim, permitiram identificar e detalhar os aspetos construtivos de um engenho de elevar água do século XIX, aclarando, de igual modo, o processo de construção da atual ponte de Espindo, sucedânea de uma estrutura de caráter efémera, cujos vestígios foi possível determinar.

Abstract

The archaeological excavations developed on the left side of the river Sousa, nearby the Espindo Bridge (Meinedo, in Lousada) tried to minimize the negative effects of the construction of the interceptor sewer of Sousa and Boim. During this procedure the construction features of a water-lifting device were identified and explored; it was also possible to explain the construction process of the current Espindo Bridge, which replaced a prior structure, whose traces were found.

* Arqueólogo - ARADUCTA Arqueologia Unipessoal, Lda. paplemos@gmail.com

** Arqueólogo - manuel.nunes@cm-lousada.pt

1. Introdução

Os trabalhos arqueológicos documentados neste artigo surgiram na sequência da deliberação da Direção Regional de Cultura do Norte relativa à execução do Intercetor do Sousa e Boim (FD15), que estabeleceu a necessidade de proceder à avaliação das áreas destinadas à instalação do equipamento da perfuração na zona mais próxima da Ponte de Espindo. Esta ponte, que se localiza no lugar de Espindo, na freguesia de Meinedo, concelho de Lousada e distrito do Porto, ($41^{\circ}14'37.1''$ N / $08^{\circ}16'25.1''$ W), a uma altitude de 161 metros, encontra-se implantada sobre o rio Sousa e tem estatuto de sítio em vias de classificação como Monumento Nacional (DRP/CLS- 511) (Nunes *et al*, 2008:146). Em virtude desta condicionante legal, impunha-se aquilatar a existência de qualquer tipo de vestígio arqueológico que pudesse implicar o reposicionamento do Intercetor do rio Sousa neste troço e, finalmente, estabelecer eventuais medidas cautelares adicionais.

2. Resultados da Intervenção

As sondagens de avaliação arqueológica foram implantadas com um duplo propósito: por um lado, coincidirem com as áreas a serem

utilizadas para as caixas de visita e para os poços de instalação do equipamento da perfuração a jusante e a montante da Ponte de Espindo e, por outro, permitirem o estudo do sistema construtivo da ponte, nomeadamente as suas fundações, tanto a jusante como a montante. É

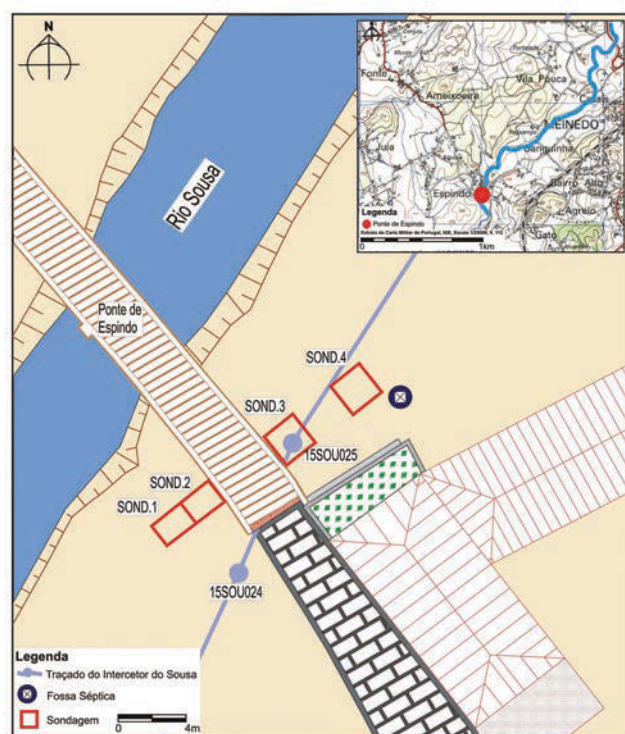


Figura 1. Localização da Ponte de Espindo.



Figura 2. Ponte de Espindo, perspectiva de jusante.

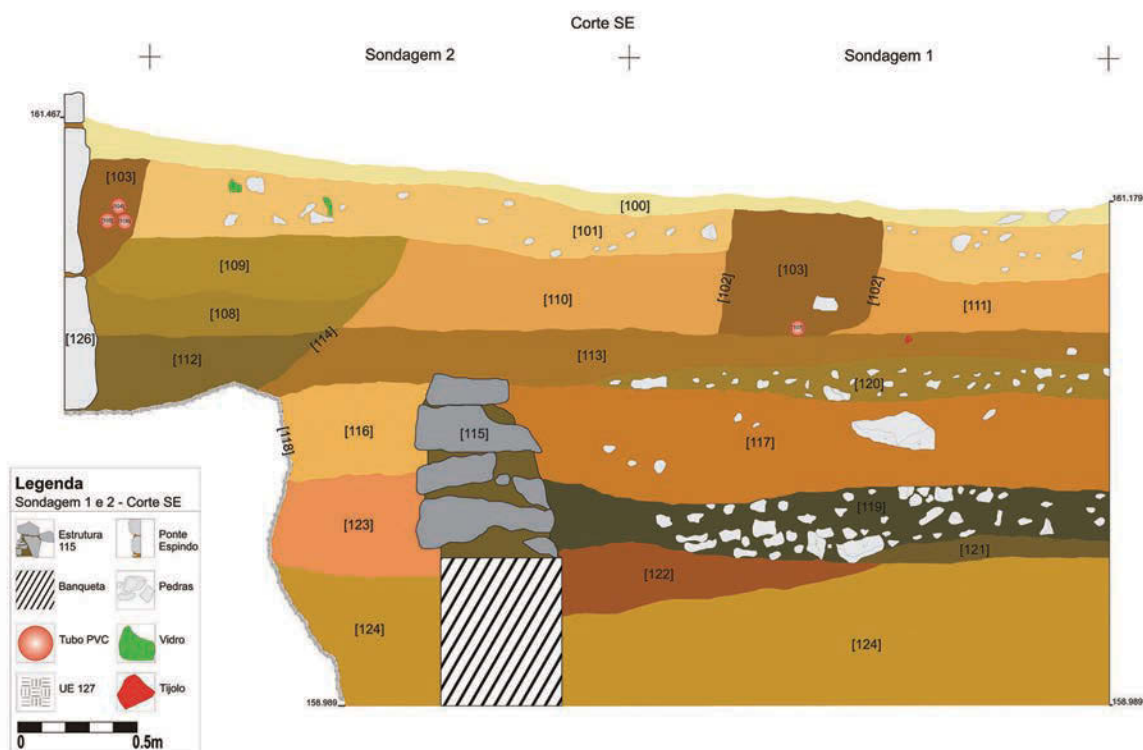


Figura 3. Corte SE da Sondagem 1 e 2.

com este intuito que se implantam 4 sondagens (S1 a S4) com uma superfície total escavada de 14.6m².

Nas sondagens 1 e 2 (situadas a jusante da ponte) a sequência estratigráfica revelou-se complexa, tendo a realização dos trabalhos evidenciado seis fases ocupacionais do espaço, repartidas por um total de 27 unidades estratigráficas.

A Fase VI, cronologicamente a mais recente, corresponde a uma vala de eletricidade relacionada com o ponto de luz existente nas proximidades da Ponte de Espindo. A Fase V equivale a um nível de aterro de finais do século XX/inícios do século XXI, presente na totalidade das sondagens 1 e 2. A Fase IV, cronologicamente atribuível aos finais do século XX, encontra-se relacionada com os trabalhos de instalação do poste de iluminação da EDP, implantado a menos de um metro da Ponte de Espindo. A Fase III, enquadrável na segunda metade do século XX, equivale ao nível de abandono do engenho de elevar de água (nora

de funis), correspondendo a Fase II à edificação da referida estrutura cujo sistema construtivo foi detalhadamente observado durante o processo de escavação, nomeadamente no que respeita à plataforma circular elevada (passeio), onde circulavam os animais de tiro que moviam a engrenagem mecânica do engenho.

Finalmente, a Fase I, cronologicamente a mais antiga, corresponde à edificação da Ponte de Espindo cujo elemento fundacional, a sapata, foi identificada. Trata-se de uma estrutura composta por pedras de granito de grandes a médias dimensões e interstícios preenchidos por pedras miúda, também de granito, que assenta diretamente no nível geológico natural. Não foi detetado qualquer tipo de espólio associado a esta fase.

As sondagens 3 e 4 (localizadas a montante da ponte) revelaram realidades distintas. Se na Sondagem 4 a sequência estratigráfica observada se revelou elementar, patenteando apenas duas fases ocupacionais do espaço relacionadas com a

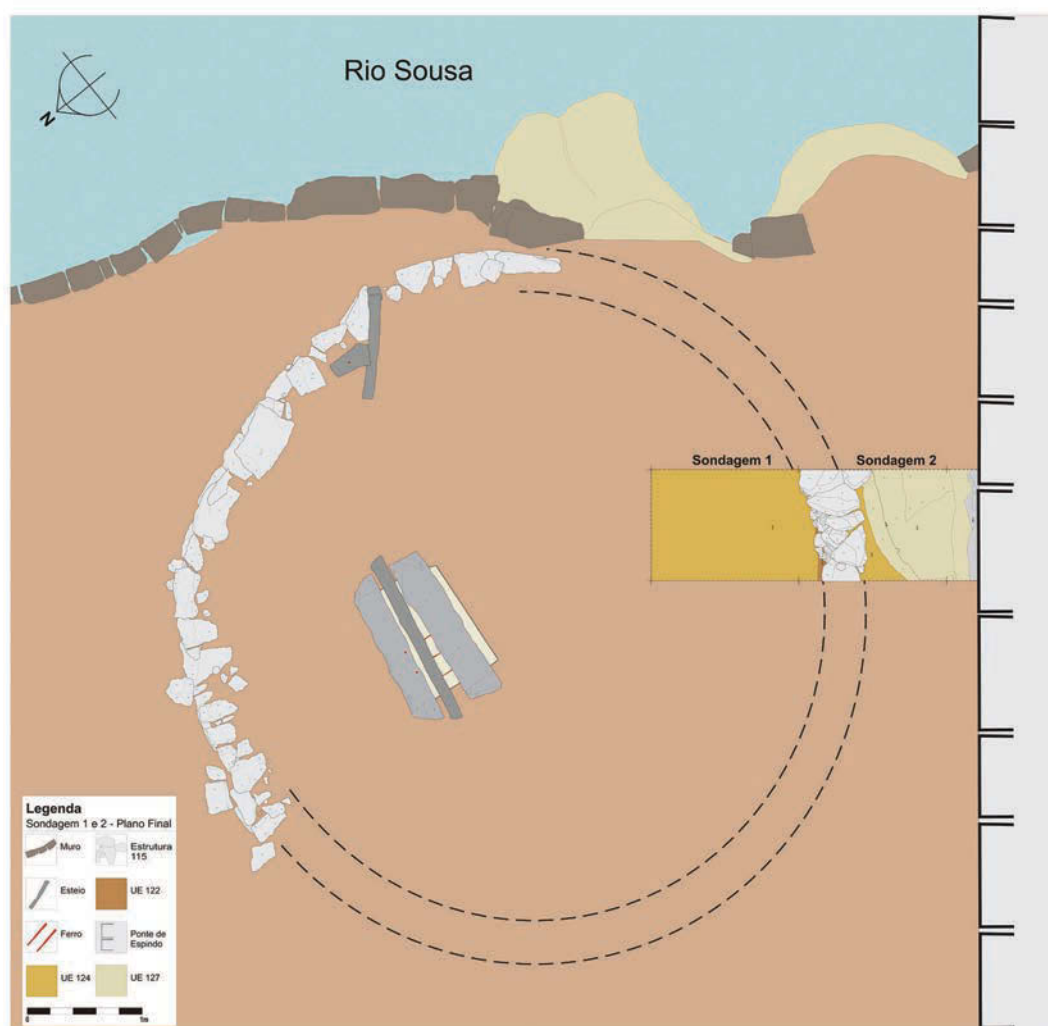


Figura 4. Plano final da Sondagem 1 e 2.

atividade agrícola e com a posterior construção de uma fossa séptica, localizada a 0,30 m a este da sondagem 4 e escavada no solo granítico natural, já a Sondagem 3 revelou um carácter relativamente complexo, evidenciando três fases ocupacionais do espaço. A primeira fase, cronologicamente a mais recente, estava relacionada com o uso e a preparação da área para utilização como terreno agrícola.

A fase II corresponde ao período de assentamento da primitiva Ponte de Espindo, um estrutura construída em materiais perecíveis (madeira), cuja existência é corroborada pela documentação coeva. Para a sua construção

realizaram-se trabalhos de nivelamento/regularização de toda a área da atual ponte. Nessa altura, o solo geológico natural era composto por enormes penedos graníticos, que ofereciam uma boa estabilidade para a edificação da ponte. Contudo, estas características não eram extensíveis à totalidade da área escolhida para a sua construção, apresentando-se este nível geológico associado a um outro, igualmente natural, mas mais instável porque correspondente ao leito de cheia do rio Sousa. Para aterrar esta área de menor estabilidade foi aplicada uma camada - [307] - homogénea, de tonalidade preta, grão muito fino e extremamente compacta (particularmente nos seus primeiros 0.10 cm).



Figura 5. Pormenor da plataforma circular elevada (passeio) identificado na Sondagem 1 e 2 (perspetiva do interior da estrutura a partir de SO).

Toda a área destinada à edificação da primitiva ponte foi regularizada e impermeabilizada com uma nítida pendente na direção do rio Sousa, o que facilitava o escoamento das águas pluviais.

Finalmente, a fase III, corresponde aos trabalhos de edificação da atual ponte de Espindo que assenta diretamente sob a rocha granítica natural [312] e sob esta unidade de nivelamento [307]. Aquando da construção desta estrutura pétrea houve necessidade de proceder à realização de uma vala de fundação [308] para reforço da sapata/base da ponte. Esta vala de fundação foi diretamente escavada na unidade [307], até alcançar o nível geológico natural [311]. Esta ação destruiu, parcialmente, a unidade [307] que tinha como função o nivelamento e a impermeabilização desta área sujeita às cheias periódicas do rio Sousa.

Associados a esta unidade de nivelamento e impermeabilização - [307] - foram detetados ainda dois interfaces verticais, igualmente escavados nesta unidade. O primeiro equivalia a um buraco de poste e o segundo a um canal de escoamento de águas. O buraco de poste não ultrapassava os 0.10 cm de profundidade máxima. Apresentava uma forma, ainda que



Figura 6. Plano intermédio da Sondagem 3, visto de SO.

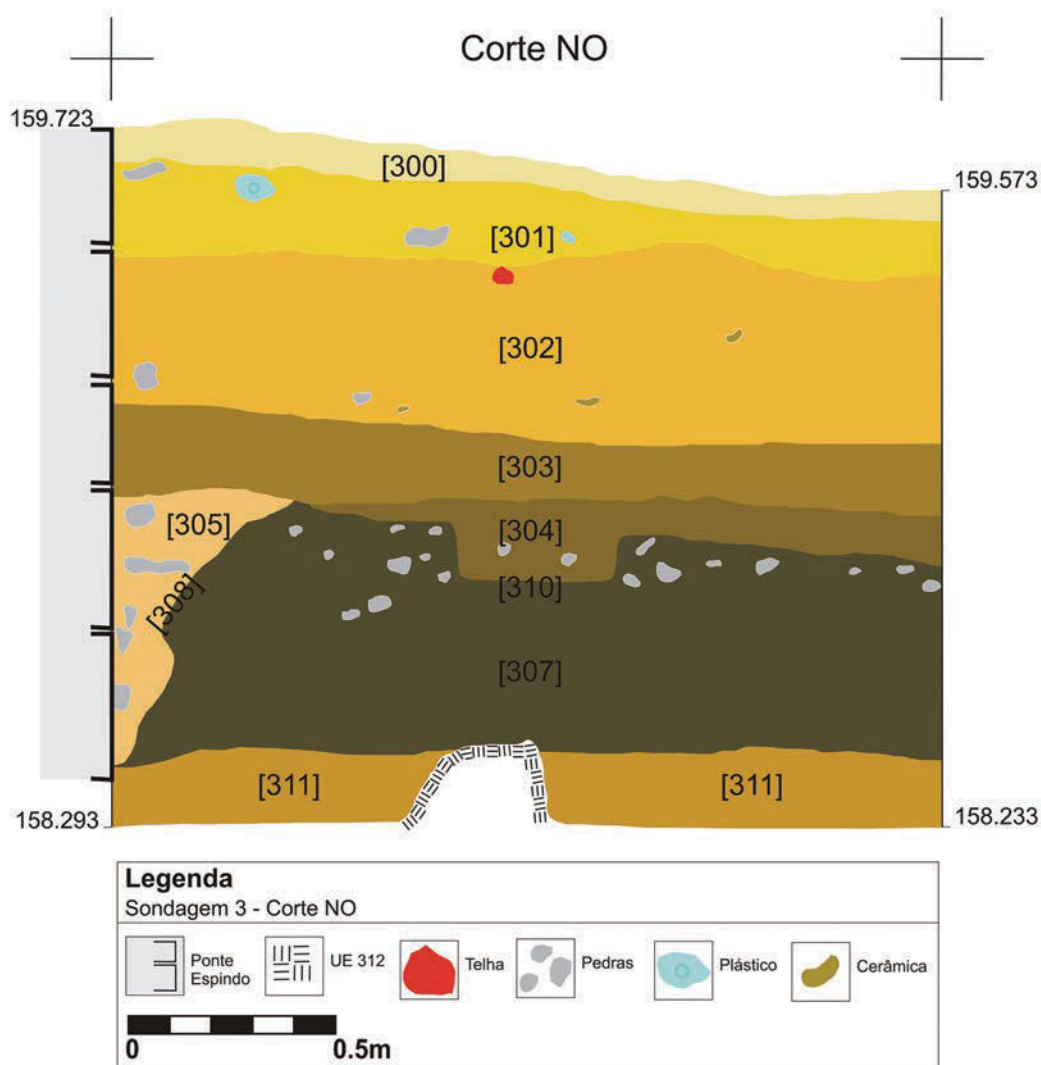


Figura 7. Corte NO da Sondagem 3.

irregular, tendencialmente circular e encontrava-se a escassos 0.30 cm da ponte. A sua função, conquanto indeterminada, relaciona-se com a construção e período de vida da anterior ponte de madeira que terá existido naquele local, conforme expresso nas Memórias Paroquiais de 1758 relativas à vizinha freguesia de Bustelo: *As pontes que aqui perto tem são: Húa chamada de Novellas de cantaria, e outra chamada do Codeço, mas fraca, húa de pao no lugar de Espindo, chamada de Espindo.* (Capela et al, 2009:521).

As terras que se encontravam a preencher este buraco de poste eram em tudo similares aquelas que preenchiam a vala de fundação [308], designadamente a unidade [305], o que permite aventar a hipótese de esta estrutura ter sido aterrada/selada aquando dos trabalhos de abertura da vala de fundação para a atual Ponte de Espindo.

O canal de escoamento de águas apresentava uma orientação SE-NO, paralela à ponte de Espindo, com uma profundidade máxima de

0.33 cm e uma profundidade mínima de 0.13 cm. Evidenciava uma largura mínima de 0.36 cm e uma largura máxima de 0.42 cm, com uma pendente nítida de escoamento em direção ao rio Sousa. De salientar que este canal foi executado como apoio à primitiva ponte de madeira, com o intuito de assegurar o correto escoamento das águas pluviais que poderiam ameaçar a sua estabilidade.

Finalmente, foi possível, graças a um fragmento cerâmico tipologicamente enquadrável nas formas comuns das produções de cerâmicas vermelhas não vidradas dos centros oleiros de Aveiro-Ovar detetado na unidade [307], balizar o período de edificação ou, pelo menos de reformulação, da primitiva ponte de madeira que existia no lugar de Espindo, fixando-a, cronologicamente, no século XVII, altura em que, localmente, se registam os primeiros indícios seguros de circulação das cerâmicas do centro produtor de Aveiro-Ovar (Leite *et al*, 2006), situação que remete a construção da atual estrutura de atravessamento, em pedra, para o século XVIII. De resto, relativamente à atual

Ponte de Espindo, e uma vez que em 1836 ela já aparece mencionada no rol das pontes de cantaria do rio Sousa (Almeida, 2006:11), conclui-se que a sua edificação terá ocorrido ao longo de um período de 78 anos, entre 1758 e 1836, destruindo, nesse processo, os vestígios da anterior estrutura pontística referida documentalmente desde, pelo menos, 1709 no *Auto de demarcação e divisão da freguesia de Meinedo* (de 10 de Setembro de 1709), e no *Auto de reconhecimento sobre a jurisdição do Couto de Meinedo* (25 de Setembro de 1709).

O espólio arqueológico resultante da intervenção totalizou 870 objetos, com destaque quantitativo e qualitativo para os fragmentos cerâmicos. De entre estes a olaria doméstica é largamente dominante, representando 71.9% das recolhas, revelando-se, no geral, muito friável e fragmentada, tornando muito difícil a sua reconstituição formal. No que respeita à cerâmica de construção (telha de meia cana e tijolo) representa 25.9% das recolhas, correspondendo a material fragmentado, por vezes até formalmente incompleto.

3. Bibliografia

- ADP_ARQUIVO DISTRITAL DO PORTO - *Treslado do Tombo e propriedades e terras e foros... s/d.* vol. de 34 fl. Livro 1708. / *Tombo dos Bêns; e propriedade, foros, e censos; e vottos e mais direitos; que se pagão à Igreja de Sancta Maria de Meynedo...* 1705, vol de 421 fl. Livro 1706: *Auto de demarcação e divisão da freguesia de Meinedo*, de 10 de setembro de 1709, e do *Auto de reconhecimento sobre a jurisdição do Couto de Meinedo*, de 25 de setembro de 1709
- ALMEIDA, A. (2006) - *Memória médico-histórico-corográfica acerca do abuso de tomar bichas pelo Santiago no Rio Sousa, por António de Almeida, Médico em Penafiel em 1837*. Penafiel: Museu Municipal.
- CAPELA, J.V., MATOS, H. e BORRALEHRIO, R. (2009) - *As Freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758*. Braga.
- CARDOSO, C. (2008) - *Duas pontes sobre o Rio Sousa. Suplemento de Património da Revista Municipal de Lousada. Revista Municipal de Lousada. Ano 9. 3ª Série. Nº 53. Lousada: Câmara Municipal de Lousada, p.1-4.*
- LEITE, J., NUNES, M. SOUSA, L. e GONÇALVES, C. (2006) - *Sondagens arqueológicas em Nespereira - Lousada: resultados preliminares de uma intervenção de emergência. OPPIDUM, Nº 1, p.11-45*
- NUNES, M; SOUSA, L.; GONÇALVES, C. (2008) - *Carta Arqueológica do Concelho de Lousada*. Lousada: Câmara Municipal de Lousada

3.1. Cartografia

- CARTA MILITAR DE PORTUGAL: *Folha 112* [Material cartográfico] Serviços Cartográficos do Exército - Escala 1:25.000. Série M888 - Lisboa: S.C.E., 1979/1998.



